

CURSOS SUPERIORES DE TURISMO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA (1970/1979)

Sérgio Henrique Azevedo Teixeira, USF.

5. Historiografia da Educação Brasileira e História Comparada

Introdução

Na década de 1970, o Brasil dispunha de 16 cursos superiores de turismo. Centenas de outros cursos de turismo foram criados até o momento, mas desejamos estudar a década de 1970 para entender o que levou um curso sem nenhuma tradição acadêmica, um curso inédito, ter sido tão bem aceito, especialmente em São Paulo, onde até uma grande universidade pública, a Universidade de São Paulo iniciou um curso de turismo.

A primeira a criar o curso foi a Faculdade de Turismo do Morumbi, atual Universidade Anhembi-Morumbi em São Paulo, em 1971, a segunda foi a Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas – atual Centro Universitário Ibero-Americano/ UNIBERO em São Paulo em 1972.

Outras, após essas primeiras experiências, iniciaram novos cursos de turismo, mas o curso toma mais força como objeto de estudo acadêmico e científico em 1973, quando a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP - cria o curso de turismo, sendo a primeira universidade do país a oferecer um curso de turismo. Posteriormente outras universidades criam o curso de turismo, como a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 1974, e a Universidade Católica de Pernambuco, em 1975.

Neste trabalho restrinjo meu interesse ao estudo do período final da década de 1960 e a década de 1970, especialmente os primeiros anos, por crer que há variáveis de cunho sócio-histórico que podem ser resgatados para elucidar a singularidade do surgimento desse curso.

Até o presente momento, pode-se perceber três vetores que levaram a formação do curso de turismo: 1) O pleno amadurecimento da indústria do turismo e da EMBRATUR, fazendo com que o mercado exigisse profissionais mais qualificados. 2) Mudanças no cenário da educação nacional, possibilitando facilidade para a abertura de novos cursos, considerando a crise estudantil pela falta de vagas a partir da década de 1960. 3) Valorização do lazer após o final da década de 60.

O Brasil no período da criação das faculdades de turismo

O curso superior de turismo no Brasil surgiu na década de 1970, num momento em que passávamos por grandes mudanças políticas, econômicas e sociais. O curso foi criado em pleno Regime Militar (1964 – 1985), especialmente numa época conhecida como “Milagre Brasileiro” (1968 – 1973), onde o crescimento da economia brasileira apresentou uma extraordinária aceleração, com uma ampliação média de 11% ao ano. O fenômeno mais espantoso do chamado “milagre econômico brasileiro” nos anos 70 foi o crescimento sem educação. Boa parte de nosso atraso resulta de termos crescido num ritmo maior que o da educação. O sistema educacional brasileiro compartilhou a mediocridade de quase todos os vizinhos nos anos 70. Mas nossa economia explodiu, colocando-nos entre os dois ou três países de maior crescimento. Esse avanço histórico fez com que o Brasil se destacasse entre os países latino-americanos. *“Sobraram problemas em penca, mas é preciso muito espírito de porco para não ver o salto histórico da economia”* (SANTOS FILHO,2003).

A década de 70 foi um tempo de forte ditadura, onde a censura calava, da maneira que fosse necessário – com violência ou não – a imprensa e quem mais quisesse falar algo considerado não apropriado pelo governo. O governo mantinha órgãos de repressão e o presidente é Emílio Médici passa a ser considerado um militar linha-dura

Enfim, o Brasil, na época da Formação do curso de turismo, era considerado um país em lutas, mas também um país de esperanças. Um novo curso para um país promissor, ou seja, o país do futuro, encontrando a profissão do futuro.

A formação do curso na ECA/USP

Muitas foram as barreiras encontradas para se estabelecer um curso novo e sem tradição acadêmica numa universidade onde se concentrava a elite pensante do país, e onde os cursos mais valorizados eram Engenharia, Medicina e Direito.

Em consulta à *Revista Isto é*, de 11 de novembro de 1998, foi reportado que naquele ano o curso de Turismo na ECA/USP, foi um dos mais procurados, sendo 1.800 estudantes que concorreram a 25 vagas. A proporção era de 72 candidatos por vaga. Mas não foi sempre assim. No começo da sua criação, o curso de turismo na USP, bem como todos os demais da Escola de Comunicação e Arte, sofreram resistência, por parte das Escolas de

Direito, Medicina e a Politécnica, por ser considerado um curso com propostas muito vagas, e não um curso universitário.

Antonio Guimarães Ferri, que foi o segundo diretor da ECA e Célia Portugal Matta, que era secretária do departamento da ECA onde o curso de turismo foi criado, são figuras principais na criação do curso de turismo na USP. Outra personalidade importante foi o então ministro da Educação, Jarbas Passarinho, que deu todo o apoio para a implantação do curso.

Em 27 de setembro de 1971, a Confederação Nacional do Comércio, localizada no Rio de Janeiro, na pessoa de Corinto de Arruda Falcão, com o apoio do professor Celso Kelly como relator, envia um ofício ao então Magnífico Reitor Miguel Reale, solicitando a implantação na USP do curso superior de turismo.

A criação do curso de turismo na USP é justificada como uma oportunidade de diversificar as atividades da grande universidade que é a USP, e também porque a formação de profissionais bem preparados para o turismo seria de grande relevância para a economia do Brasil.

A EMBRATUR e o fortalecimento do Turismo no Brasil.

De acordo com a EMBRATUR¹:

A EMBRATUR foi criada no Rio de Janeiro, em 18 de novembro de 1966, como Empresa Brasileira de Turismo. Sua criação representou um marco na história da administração pública no Brasil, sendo a primeira empresa pública do país. Em 1966, o então ministro da Indústria e do Comércio Paulo Egydio Martins, apresentou a 1ª Exposição de Motivos para a criação do órgão, bem como Projeto de Lei, ao Presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco. Já na exposição foi indicada a contribuição para a economia nacional que o turismo traz, enquanto fonte de geração de divisas e empregos. Além disso, havia também a necessidade de ampliação do parque hoteleiro e fiscalização das atividades das agências de viagens. Àquela época, a divisão de Turismo e Certames, então pertencente ao ministério da Indústria e do Comércio e encarregada dos assuntos do turismo, não podia mais atender as necessidades de expansão da indústria do turismo.

De acordo com Santos Filho² (2005), a EMBRATUR foi criada com o propósito de melhorar a imagem do Brasil no exterior, considerando que o Brasil passava por um cruel

¹ Texto extraído dia 03/05/05 do site da Embratur:
<http://www.embratur.gov.br/br/conteudo/resultadoBusca.asp?id=353&grupo=2>

momento de ditadura. Sendo assim, o turismo no Brasil foi incentivado como ideologia política; ou seja, fazer com que os estrangeiros vissem o Brasil como um país muito bom e assim não se envolvesse e fosse contra a política da ditadura.

Santos Filho também relata que no período de ditadura, haviam diversos trabalhos realizados pelos exilados, bem como por entidades democráticas estrangeiras, como ONG's e movimentos religiosos, além de denúncias por diversos meios de comunicação, como debates em rádio e televisão, jornais alternativos, reportagens ilustradas com fotos sobre as torturas, o que provocou grande repercussão no Brasil e no exterior, fazendo com que o governo militar fosse considerado um governo de tortura e que violava os direitos humanos.

Para amenizar a situação do Brasil no exterior, é criado pelo Decreto-lei n.º 55, de 18 de novembro de 1966, a Empresa Brasileira de Turismo, a EMBRATUR, com a finalidade de melhorar o conceito do Brasil, divulgando lá fora um Brasil de belas praias, mulheres sensuais, sol o ano inteiro, um povo com a alegria vista nos carnavais, campeão de futebol, etc...

A partir do final da década de 60, há um forte investimento no turismo brasileiro, tanto o turismo doméstico, quanto o turismo externo.

Em 1971, de acordo com Trigo (2000), a EMBRATUR começa a estimular a iniciativa privada para investir no setor hoteleiro, inclusive permitindo o re-investimento do imposto de renda na hotelaria, o que proporcionou grandes investimentos no setor, sendo necessário mão-de-obra qualificada, logo turismólogos.

Seja como uma forma de mudar a imagem do Brasil no exterior pela propaganda da recém criada EMBRATUR, seja porque as classes mais ricas, graças ao “milagre econômico brasileiro”, ficaram ainda mais ricas, sobrando dinheiro para o turismo ou porque o Brasil se tornou mais conhecido graças ao esporte, ou devido a ação de divulgação do Brasil no exterior, ou por qualquer outro motivo, o fato é que aumentou o turismo no Brasil a partir desse período.

Uma vez incentivado o turismo no Brasil, se fez necessário criar um curso para formar profissionais capacitados – para fomentar uma atividade, criando assim, em 1971, com grande apoio do governo, o primeiro curso com turismo.

² *A Ciência do Turismo se produz no processo das contradições epistemológicas de seus saberes.* Santos Filho, João. 2005

Enfim, de forma ideológica ou não, a EMBRATUR foi criada e contribuiu para a fomentação do turismo no Brasil.

A EMBRATUR promove o turismo no Brasil, logo, promove o curso de turismo!

O cenário da educação nacional e a crise estudantil

O Curso de turismo foi criado num momento onde se descobre o ensino superior como um bom negócio financeiro.

Como já foi citado, vivíamos em um país com rigorosa Ditadura Militar, que, de acordo com Barreto (2004), proibiam e perseguiram os *cursos ‘pensantes’ que poderiam ir de encontro com os projetos políticos e incentivava os cursos que promoviam a tecnologia e o entendimento superficial da sociedade.*

Segundo Barreto (2004), áreas de conhecimento como turismo eram incentivados, pois eram considerados uma área neutra e incapaz de produzir ideologias, poderes e controle social – logo, ideal para um governo militar em ditadura.

A partir da década de 1960 houve equivalência dos cursos técnicos aos colegiais, que permitiam o ingresso a faculdade e por isso aumentou o número de alunos com potencial para cursar o ensino superior. Apesar dessa equivalência ter se dado a partir da década de 1960, ela também valia para os formados em cursos técnicos de anos anteriores. Dessa forma aumentou-se muito o número de pessoas que podiam prestar o vestibular. Sendo assim, faltou vaga nas faculdades, o que gerou uma crise estudantil, que estava perturbando a ordem social, por isso foi incentivada a criação de novas universidades e também de escolas de ensino superior, bem como de novos cursos de curta duração para atender os novos interessados no curso superior proveniente da baixa classe média, ou seja, investir em escolas de ensino superior passou a ser um bom negócio.

No segundo semestre de 1968, é apresentado a Lei 5.540 de novembro de 1968, que autoriza a criação de cursos superiores de profissões não regulamentadas. Vale lembrar que até a presente data, a profissão de turismólogo ainda não é regulamentada.

Há muitas versões sobre os motivos que levaram ao aumento rápido do número de instituições que ofereciam o curso. Um dos motivos é que era um curso que necessitaria de pouco investimento e fácil retorno, considerando que era um curso novo, e essa novidade atrairia alunos. Outro motivo seria a necessidade de mão-de-obra em locais com grandes potencialidades turísticas, como por exemplo, Foz do Iguaçu, Salvador, entre outras.

Nessas regiões, existe grande facilidade de vender esses cursos, pois os alunos acreditam que existem empregos disponíveis.

Alguns aspectos favoreceram o surgimento do curso de turismo, como a classe média que via no curso de turismo um curso de fácil ingresso e dessa forma teriam possibilidade de cursar uma faculdade e ter, além da profissionalização, todo o *status* que acompanhavam e acompanham um diploma de curso superior.

A Cultura do Ócio e o lazer após o final da década de 60.

Ócio é o tempo livre que o trabalhador tem, após sua jornada de trabalho, é o momento que ele pode repor suas energias, tanto físicas, quanto mentais. É extremamente importante que se tenha o momento de ócio.

De acordo com Sant`Anna (1994), no período do final da década de 1960 e o começo da década de 1970 muitos artigos sobre lazer foram escritos em jornais, revistas e na televisão. O próprio SESC – Serviço Social do Comercio, que foi criado em 1946, para assistir o comerciário e sua família de diversas maneiras, a partir de 1969, coloca o lazer como prioridade de sua atuação.

O governo federal, através do Decreto-Lei 67.227, concedia esses empréstimos, para que, através do lazer, houvesse uma diminuição dos conflitos entre o sindicato e o governo, pois, quando o sindicato aceitava a ajuda do governo, na forma de financiamentos, estava ficando atrelado ao governo. Por outro lado, acreditava-se também que o sindicato aceitava ajuda financeira do governo para investir em lazer, porque dessa forma, estaria atraindo mais pessoas para o sindicato, que vinham por causa dos atrativos, e com mais pessoas sindicalizadas, o sindicato ficaria mais forte e teria mais poder para lutar pelos direitos dos trabalhadores.

Independente do motivo, a verdade é que de fato o governo incentivava que o sindicato investisse no lazer dos trabalhadores, e em 1976, através do Decreto-Lei 6.386 o governo altera a forma de administração das entradas financeiras dos sócios, obrigando aos sindicatos que invistam parte das entradas na criação de bibliotecas, colônias de férias, etc.

Porém é justamente nesse período, onde há um grande incentivo, por todos os lados para o lazer e como melhor se aproveitar o tempo livre, que os trabalhadores, graças ao arrocho salarial vivido na época, são obrigados a trabalhar em jornadas dobradas de trabalho para compensar os baixos salários, não lhes sobrando tempo nem para o lazer, e nem para família.

Percebe-se, analisando essa preocupação do governo com o tempo livre do trabalhador, que na verdade o governo estava preocupado com a forma como esse trabalhador usaria o seu tempo livre, pois se receava que o trabalhador usasse o seu momento de ócio com o vício, bebedeiras, arruaças e vadiagens ou planejassem algo contra os seus objetivos. Dessa forma, institucionalizava-se o lazer, sendo possível controlar até o seu momento de ócio.

Apesar dos trabalhadores não usufruírem o lazer e o ócio esperado e necessário, a importância a esses temas aumentou muito nesse período.

Foi nesse momento de incentivo ao lazer, que surge a primeira faculdade de turismo do Brasil, que tem como uma de suas disciplinas o lazer e a recreação.

Conclusão

Este trabalho pretendeu elucidar um pouco o surgimento do curso superior de turismo no Brasil na década de 1970.

Consideramos que o surgimento do curso e sua grande aceitação e evolução ‘e resultado de três motivos principais. Em primeiro lugar, aponta a evolução do turismo no Brasil, especialmente graças a EMBRATUR, o que necessitou de mão-de-obra qualificada.

Tão importante como o amadurecimento do turismo, via EMBRATUR foi as mudanças no cenário da educação nacional, possibilitando facilidade para a abertura de novos cursos, considerando a crise estudantil pela falta de vagas, tornando a abertura de cursos superiores como sendo um bom negócio.

O terceiro e também importante fator para o surgimento do curso foi a valorização do lazer após o final da década de 60, o que levou as pessoas a aproveitarem melhor o seu tempo livre, inclusive com o turismo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, Sérgio Abreu. **Os Aprendizes do Poder**. O bacharelismo liberal na política brasileira, [s.l.], Paz e Terra, [19--]

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria** : reflexões e cadastros das instituições educacionais no Brasil. São Paulo : Aleph, 2002.

_____. **Controle na qualidade do ensino superior de turismo**. *Turismólogo in Focco* – Belo Horizonte, Set./Out. 2002, v. 1, n. 3 – p.22-4

AZEVEDO, Fernando de. **A transmissão da cultura**. Parte terceira da 5ª edição da obra “A cultura brasileira”. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/INL, 1976.

BARRETO, Margarida; TOMIO, Dílson; SGROTT, Saul A. PIMENTA, José Narciso. **A flexibilização e especialização dos cursos universitários de turismo: Prioridade Educativa e Social**. *Revista de Divulgação Cultural : FURB*, Mai./Ago. 2002, v. 24, n. 77, p. 8 – 15

BENCHIMOL, Jaime L.,. **Manguinhos do sonho a vida**. A ciência na belle époque. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 1990.

BRAGA, Hilda Maria Cordeiro Barroso. **Universidade brasileira**: trajetória em busca de um projeto. São Paulo, 1996. (Dissertação (mestrado) - Fundação Getulio Vargas, 1996).

CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto**: o peso da glória. São Paulo: FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos. Companhia Editora Nacional, 1978.

CELESTE FILHO, Macioniro. **A institucionalização do turismo como curso universitário** (décadas de 1960 e 1970). São Paulo, 2002. (Dissertação (mestrado) – PUC/SP, 2002).

CUNHA, Luís Antônio. **A universidade temporã**: da Colônia à era Vargas. [s.l.], Francisco Alves, [19--]

FALCÃO, Daniela. **A tirania do lazer no fim-de-semana**. *Folha de São Paulo, Caderno Equilíbrio*, 01 de fevereiro de 2001, p. 11 – 13.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **A universidade brasileira em busca de sua identidade**. Petrópolis: Vozes, 1977. 102 p.

GIARETTA, Maria José. **“Histórico de regulamentação da profissão de turismólogo”** IN: Boletim do curso de turismo – Faculdade Ibero-Americana. São Paulo. V.2, N.2, nov/dez de 1992. pp 12-15.

MARINHO, Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha. "Ensino Superior de Moda: condicionantes sociais de sua institucionalização acadêmica em São Paulo" pp. 13-26 e "Fórum de debates" pp. 157-224 in **WAJNMAN**, Solange e **ALMEIDA**, Adilson José de

(orgs.) *et alii*. **Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico**. São Paulo: Arte e Ciência/Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Moda (NIDEM)/Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP), 2ª ed., 2005, 226p

MATIAS, Marlene. **Turismo: formação e profissionalização - 30 anos de história**. Barueri: Manole, 2002. 103 p.

PILETTI, Nelson. **Historia do Brasil: da pré-história do Brasil aos dias atuais**. São Paulo: Ática, 1991-1993.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira**. Campinas: Papirus, 1996-1999. 167 p.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O prazer justificado: história e lazer** : São Paulo, 1969/1979. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SANTOS FILHO, João dos. **Turismólogo: festejar ou organizar?** Revista Espaço Acadêmico. 2003 v. 2, n. 20.

_____. **A Ciência do turismo se produz no processo das contradições epistemológicas de seus saberes**. Revista Espaço Acadêmico – Nº 47 , Ano IV, Abril de 2005.

_____. **EMBRATUR da euforia ao esquecimento: o retorno as suas raízes quando serviu a ditadura militar**

<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/embratur.html>

SOLHA, Karina Toledo. **Órgãos públicos estaduais e o desenvolvimento do turismo no Brasil**. Tese. ECA/USP. São Paulo. 2004

TEIXEIRA, Rivanda Meira; FLETCHER, John; WESTLAKE, John. **A educação superior em turismo: um estudo comparativo entre o Brasil e o Reino Unido**. *Turismo: visão e ação*, Abr/ Set 2001, v.4, n.8, p. 09 – 27

TRIGO, Luís Gonzaga Godoi. **Cronologia do Turismo no Brasil**. São Paulo. CTI/TERRA, 1991.

_____. **Viagem na Memória: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil**. São Paulo : Editora SENC São Paulo, 2000.

_____.<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/ensinosuperior.html> 03/07/2004 – 13h17

REVISTA ISTO É -11 de novembro de 1998 -

<http://www.terra.com.br/istoe/comport/151921.htm> - 02/06/06